

organizadoras
Ieda Maria Alves
Eliane Simões Pereira

prejubilació

tristidão

airbag lateral

bloguería

indignados

reciclaxe

bruit de carrillon

NEOLOGIA

DAS

LÍNGUAS

ROMÂNICAS

tuitero

sujoso

microcipara

dubaigate

tristoce

empléu

binladen

HUMANITAS



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor

Sérgio França Adorno de Abreu

Vice-Diretor

João Roberto Gomes de Faria

EDITORA HUMANITAS

Presidente

Sedi Hirano

Vice-Presidente

Valeria De Marco

Proibida a reprodução parcial ou integral desta obra por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por processo xerográfico, sem permissão expressa do editor (Lei nº. 9.610, de 19/02/98).

HUMANITAS

Rua do Lago, 717 – Cid. Universitária
05508-080 – São Paulo – SP – Brasil
Telefax: 3091-2920
e-mail: editorahumanitas@usp.br
<http://www.editorahumanitas.com.br>

Foi feito o depósito legal
Impresso no Brasil / Printed in Brazil
Setembro 2015

SABLAYROLLES, Jean-François. Néologismes: une typologie des typologies. *Cahiers du C.I.E.L.*, Problèmes de classement des unités lexicales, Paris, p. 11-48, 1996-1997.

SOLÉ, Elisabet. Altres processos de formació de mots: la conversió sintáctica i la lexicalització. In: OBSERVATORI DE NEOLOGIA. *Llengua catalana i neologia*. Barcelon: Meteora, 2004. p. 174-191.

Aspetos sociolinguísticos dos estrangeirismos

Madalena Teixeira

Instituto Politécnico de Santarém – ESE/ Universidade de Lisboa –
CEAUL/CAPLE, madalena.dt@gmail.com

Resumo

Este estudo pretende averiguar a relação entre o uso de estrangeirismos, habilitações académicas dos falantes, setor de atividade e género. Os resultados mostram que os informantes com mais habilitações académicas usam mais palavras estrangeiras; que o setor de atividade com maior índice de atualização de estrangeirismos é o da hotelaria e que os informantes do sexo feminino usam menos estrangeirismos do que os falantes do sexo masculino.

1. Introdução

Indiscutivelmente, o uso dos estrangeirismos está associado a um conjunto de fatores que, dada a sua natureza, cabem num contexto de realização linguística que se pode designar como conjuntura social, e, por essa razão, se verifica a(s) sua(s) implicação(ões) no discurso habitual da fala e da escrita, tanto em termos diacrónicos, como em “olhares”, ainda que fugazes, sincrónicos.

Com efeito, são vários os linguistas (ALVES, 1990; CARVALHO, 1989; GOMÉZ-CAPUZ, 1998) que se têm dedicado ao estudo de este tipo de léxico que se reveste de características que são ora gerais, ora específicas, chegando a utilizar nomenclatura distinta para esta mesma realidade lexical, da qual se destaca estrangeirismo (TEIXEIRA, 2008; GÓMEZ, 1998), empréstimo (GUILBERT, 1975; SECO,

1977), xenismo (CARVALHO, 1989; REY-DEBOVE, 1980, 1990), barbarismo (CASTELEIRO - Academia das Ciências de Lisboa, 2001; Real Academia Espanhola, 1931; FERNÁNDEZ-SEVILLA, 1974). Inclusivamente, há tomadas de posição por parte de dirigentes políticos¹ que têm por objetivo (tentar) travar o uso de palavras de origem estrangeira em situações oficiais em prol da (in)corrupção do léxico tido como erudito e genuinamente português – neste caso.

Mas como impedir e/ou controlar este uso nas atualizações linguísticas dos falantes se a longevidade dos estrangeirismos e respetivo grau de aceitação não são passíveis de balizar? Há alguns que após curto e/ou demorado uso acabam por “morrer”; outros, resistindo à passagem do tempo, familiarizam-se com a língua recetora, chegando mesmo a nacionalizar-se através da adaptação à grafia e à fonética portuguesas e, ainda, há aqueles que, embora não tendo sido submetidos a qualquer processo de adaptação, se encontram integrados na língua que os “acolhe” mesmo que na sua forma original. Além disso, a maioria dos sujeitos nativos desconhece a origem dos vocábulos, ou seja, um indivíduo ao realizar a sua língua materna não sabe se a palavra que está a usar é de origem estrangeira ou não.

Creio, todavia, que ao dar particular destaque às políticas sociais, educativas e económicas, mais facilmente se percebe a génese destas, e de outras, opções lexicais dos falantes.

Assim, num primeiro momento, convido-os a refletirmos sobre alguns aspetos da conjuntura social portuguesa, a fim de posteriormente apresentar os resultados que fundamentam este contributo.

¹ Veja-se a este propósito o Projeto-Lei 1676/99 apresentado por Aldo Rebelo, membro da Câmara dos Deputados do Parlamento Brasileiro.

2. Da conjuntura social

Com efeito, atualmente, em Portugal, tem-se vindo a assistir a um aumento da presença de cidadãos oriundos de diversos países, seja a lazer, seja a trabalho. Claro está, que a livre circulação entre os países da União Europeia para isso tem contribuído, na medida em que 38% dos estrangeiros residentes em Portugal são europeus².

Note-se ainda que, em 2004 (último ano a que houve acesso), o país se posicionou em 19º lugar nos principais destinos turísticos³, com 11,6 milhões de turistas, e na 21ª posição no que concerne às receitas, com 6,3 mil milhões de euros⁴. A maior parte dos turistas que visitam Portugal são oriundos da Europa Ocidental, particularmente dos países da UE. Os EUA são a mais importante fonte de turistas fora da Europa. Esta situação pode constatar-se através da repartição das dormidas de estrangeiros em 2004, pelos principais países de origem: Reino Unido, 30,7%, Alemanha, 16,5%, Espanha, 11,5%, Países Baixos, 6,8%, França, 4,7% Irlanda, 3,6%, Itália, 3,1% e EUA, 2,6%. Os EUA são a mais importante fonte de turistas fora da Europa.

Estamos, de facto, perante uma sociedade que se caracteriza pela migração e, conseqüentemente, por matizes vincadamente multiculturais.

Este “fenómeno global europeu” levou o Conselho da Europa a elaborar o *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* (Q.E.C.R.), a fim de definir níveis de

² No entanto, de entre as demais nacionalidades de cidadãos residentes neste país, aqueles que linguisticamente parecem influenciar mais os portugueses, segundo um estudo efetuado para o efeito, são os brasileiros (TEIXEIRA, 2007).

³ Informação facultada pelo Sr. Diretor de Turismo da Região Centro, Dr. Pedro Machado.

⁴ Dados, também, gentilmente, facultados pelo Dr. Pedro Machado.

proficiência nas diferentes línguas que permitissem aferir o grau de conhecimento de cada falante em línguas estrangeiras. O eixo norteador deste Conselho é o desenvolvimento da competência comunicativa, na qual estão integradas outras competências: a linguística, a sociolinguística e a pragmática. Neste contexto e ainda de acordo com o referido Conselho (2001, p. 27) considera-se que “o desenvolvimento de uma proficiência comunicativa envolve outras dimensões para além da dimensão estritamente linguística” fundamentalmente a consciência sociocultural, a experiência imaginativa, as relações afetivas, o aprender a aprender, entre outras que não mencionamos porque consideramos afastar-se do objetivo desta conferência.

A par de este documento, surge um outro: *Português Língua não Materna no Currículo Nacional*; este normativo dá conta da situação do país no que respeita à evolução da imigração, de alunos, do enquadramento legal que os tutela, dos princípios básicos e objetivos, das medidas de acolhimento e escolarização, dos programas de apoio para aprendizagem do português língua não materna, quais os níveis de intervenção e de atuação e quais os perfis linguísticos da população escolar que frequenta as escolas portuguesas.

Mas será que esta conjuntura favorece a interferência de línguas estrangeiras na língua portuguesa, em Portugal, em processos de comunicação?

A presença da língua inglesa revela-se de inegável significado em áreas como a *Economia* uma vez que a presença de estrangeirismos chega a representar 98% em estudos realizados para o efeito (cf. TEIXEIRA, 2009, p. 59). O facto de a *Economia* ser uma área de interesse internacional e os Estados Unidos da América serem uma das maiores potências económicas mundiais, são aspetos que se refletem

vincadamente nas macro e micro economias Portuguesas e, conseqüentemente, na língua portuguesa. Veja-se, como exemplo, o destaque que é dado, aos índices internacionais de *Dow Jones* e *Nasdaq*, por Paulo Santos (analista económico) em artigos⁵ dedicados à economia portuguesa.

Numa outra área - a *Gastronómica* -, ao contrário do que acontece com os registos anteriormente mencionados, nota-se, sem grandes dúvidas, os laços que a unem as línguas portuguesa e francesa. Neste domínio, servindo-me ainda do mesmo estudo (TEIXEIRA, 2009, p. 60) pude verificar um leque mais variado quanto à origem das palavras estrangeiras.

Assim, temos os vocábulos de origem francesa com uma representação de 56%, seguidos dos oriundos da língua inglesa - 20% - e os de língua italiana com 15%. A língua alemã tem uma presença de 3%. Os vocábulos com origem na língua espanhola e na língua russa têm uma representatividade de 2% do *corpus* recolhido; 1% é a percentagem resultante dos vocábulos relativos às línguas dos países Áustria e Bulgária, respetivamente.

Na realidade, não é por acaso que em alguns restaurantes considerados pela Associação Portuguesa de Restauração, “de primeira categoria”⁶, podemos verificar a existência de palavras de origem francesa. Comer um “Vichissoise Quente de Maçã” ou “Linguado au Meunier” tem um efeito psicológico diferente do obtido por “Sopa de Maçã” ou “Linguado Frito com Amêndoas”. E não nos podemos esquecer que “[...] usurpando vocábulos, que ôs fez máis elegantes do que foram óra ‘h’ á çincoenta annos.” (BARROS, 1969, p. 84), também revelamos

⁵ Artigo da Revista *Visão* publicada em 01 de Agosto de 2002.

⁶ Por exemplo o Restaurante *do Forte do Guincho*, em Lisboa e o Restaurante *Bolota Castanha* em Terrugem (Alentejo).

notoriedade. Repare-se, ainda, que por algum motivo Eça de Queirós⁷, para além da utilização de inúmeros vocábulos de origem inglesa, reservou a utilização de elementos da Língua Francesa para "assuntos" relacionados com a "cozinha"⁸.

O mesmo estudo documenta que o uso de estrangeirismos nem sempre é necessário, existindo, muitas vezes termos equivalentes – 52%, na área da economia e 6%, na área da gastronomia –, outros que são aportuguesados – 1% e 39%, respetivamente – e outros para os quais, embora se usem na sua forma original, se registam expressões de sentido equivalente – 10% e 0%.

Será que perante estes resultados é lícito pensarmos que a Língua Portuguesa é um código que se revela insuficiente perante as necessidades sentidas pelos seus utilizadores? Não esqueçamos a polémica sentida entre puristas e renovadores do léxico, quando da publicação do *Dicionário de Língua Portuguesa* da Academia das Ciências de Lisboa que veio legitimar muitas dessas necessidades.

Note-se contudo, que, embora a necessidade seja um fator determinante para a renovação lexical, e conseqüente entrada de estrangeirismos, é de salientar que a existência de termos equivalentes também nos faz refletir não só sobre a intensidade dos resultados obtidos, mas também sobre o grau da já mencionada necessidade. Se existem termos equivalentes, então, o uso de formas originais – 37% (Economia) e 55% (Gastronomia) – não poderá ser encarado, somente, como necessidade, mas acrescido de uma “necessidade profissional”.

Face a este imparável devir, a comunidade docente de língua

⁷ Veja-se a este propósito a obra *Os Maias* citada neste trabalho.

⁸ Veja-se a este propósito Teixeira (2012).

portuguesa⁹ manifestou-se sobre o uso de estrangeirismos de forma negativa, considerando que este perturba a escrita, porque “potencia o erro ortográfico” – 59%, e “conduz a formas insólitas de escrita” – 49%. Refere ainda à influência desfavorável de este uso no que concerne à “fluência de leitura” – 23% – e à “má articulação dos sons” – 39%, propondo “alterações sinónimas” sempre que os respetivos alunos utilizam palavras estrangeiras – 62%.

Julgo, no entanto, que esta posição não conduz os alunos a uma atitude recetiva e de inserção intercultural como é desejável; e questiono também como é possível que agentes educativos apresentem tal postura, na medida em que os estrangeirismos “gravitam” no quotidiano linguístico de cada indivíduo, muitas vezes, sem que disso se apercebam.

3. Metodologia

Perante o exposto, procurou-se aprofundar esta temática, a fim de averiguar se existe relação entre o uso de estrangeirismos e: i) o grau de instrução dos falantes; ii) setor de atividade; iii) o sexo dos falantes – feminino e masculino. A ferramenta de análise utilizada foi o SPSS.

Optou-se pela recolha de um *corpus* com base em entrevistas – 99 –, a *informantes* profissionalmente ativos no setor de atividade mais representativo em Portugal – o terciário; focalizando a atenção nas vertentes automóvel, hotelaria e restauração pelas seguintes razões:

a) no primeiro caso, porque o aumento do parque automóvel português tem sido exponencial, sobretudo no que concerne às viaturas ligeiras de marcas generalistas, como a *Peugeot*, a *Renault*, a *Opel*, a *Citröen*, entre outras. Todavia,

⁹ Veja-se a este propósito Teixeira (2004).

carros de marcas mais prestigiadas e, conseqüentemente, mais caras, como são exemplos a *Audi*, a *BMW* e a *Mercedes*, não deixam de ter uma representatividade significativa no país, na medida em que se traduzem em cerca de 18,38%¹⁰ das vendas a nível nacional. Os automóveis não são, apenas, um artigo de luxo, tornando-se, na maior parte dos casos, em um instrumento de trabalho, na medida em que, muitas vezes, representam a possibilidade de integração no mundo profissional¹¹. Cada vez mais surgem ofertas de trabalho que pressupõem *carta de condução* e *viatura, conduzindo* esta conjuntura a “visitas” aos concessionários de automóveis, a conversas com os vendedores e à consulta de catálogos descritivos e informativos, onde palavras estrangeiras se encontram registadas de forma “harmoniosa” com palavras portuguesas – *airbags laterais, sistema de manutenção assyst plus, climatização automática thermotronic*, entre tantas outras que poderíamos referenciar;

b) no que respeita ao segundo contexto indicado, considera-se que o mundo hoteleiro não é menos representativo. Note-se que apesar de as notícias sobre a crise económica vivida pelos portugueses que são veiculadas pelos telejornais, pelas revistas e pelas estações de rádio, as agências de viagem, na Passagem de Ano, no Carnaval, na Páscoa e no verão, informam que os hotéis “estão cheios” e que já não conseguem “arranjar voos” para destinos como o Brasil, o México, a República Dominicana. Desta forma, as férias parecem ser algo que, genericamente observando, faz parte do quotidiano do povo português.

A hotelaria parece ser, assim, um dos “serviços mais

¹⁰ Informação fornecida pelo Engenheiro Frederico Teixeira, Administrador no sector automóvel.

¹¹ Veja-se a este propósito, por exemplo, o caderno *Emprego* do jornal *Expresso*.

cobiçados” em Portugal, enquanto ramo de negócio. As promoções para famílias, o comprar quatro noites para ter mais uma gratuita, os folhetos e a televisão são algumas das estratégias de comercialização do produto, sublinhando-se agora que o discurso oral¹² e o discurso escrito utilizados nessas campanhas, englobam palavras estrangeiras que se articulam com o restante vocabulário português, sem que se verifique qualquer sinalização gráfica que saliente a diferença entre as línguas – *serviço de room servisse e pay tv, business centre*.

c) finalmente a restauração, e porque “ela vive” independentemente da hotelaria, não nos pareceu legítimo não nos debruçarmos sobre “o ponto de encontro” de famílias, amigos, profissionais e desconhecidos, que, por exemplo, ao comemorarem a noite do dia 31 de dezembro de 2011, depararam com uma ementa que apresenta variadíssimas palavras estrangeiras – *profiterolles de chocolate quente, strogonoff de camarão, sorbet de limão*.

Note-se que o setor do turismo representa entre cerca de 7%, 8% do Produto Interno Bruto - PIB - e traduz uma percentagem de 10% de postos de trabalho.

4. Apresentação dos resultados

4.1 Variáveis uso de estrangeirismos vs. habilitações literárias

Sobre a variável em análise, os resultados obtidos são bastante claros; pois a média de estrangeirismos por individuo é crescente com o Nível de Habilitações Literárias, sendo o valor menos elevado de 1.76, nos sujeitos com menos do que o

¹² Anúncios televisivos e radiofónicos.

9º ano, e o valor mais alto – 9.26 –, nos entrevistados com um grau de instrução ao nível do ensino superior.

Para melhor evidenciar e comprovar estes resultados, atente-se nos testes ANOVA que se seguem:

ANOVA para a diferença de médias do número de estrangeirismos entre diferentes níveis de Habilitações Literárias

Variável: número de Estrangeirismos

Factor: Habilitações Literárias

H₀: $\mu_1 = \mu_2 = \mu_3 = \mu_4$

H₁: pelo menos um par de médias é desigual

Descriptives

| Estrangeirismos | N | Mean | Std. Deviation | Std. Error | 95% Confidence Interval for Mean | | Minimum | Maximum |
|----------------------|----|------|----------------|------------|----------------------------------|-------------|---------|---------|
| | | | | | Lower Bound | Upper Bound | | |
| < 9º ano | 17 | 1.76 | 2.884 | .699 | .28 | 3.25 | 0 | 9 |
| 9º ano | 28 | 1.89 | 2.393 | .452 | .96 | 2.82 | 0 | 9 |
| 12º | 30 | 4.00 | 3.639 | .664 | 2.64 | 5.36 | 0 | 14 |
| ensino universitário | 19 | 9.26 | 8.793 | 2.017 | 5.03 | 13.50 | 0 | 31 |
| Total | 94 | 4.03 | 5.486 | .566 | 2.91 | 5.16 | 0 | 31 |

ANOVA

| Estrangeirismos | | | | | |
|-----------------|----------------|----|-------------|--------|------|
| | Sum of Squares | df | Mean Square | F | Sig. |
| Between Groups | 735.483 | 3 | 245.161 | 10.693 | .000 |
| Within Groups | 2063.422 | 90 | 22.927 | | |
| Total | 2798.904 | 93 | | | |

Existe, portanto, evidência estatística para rejeitar a hipótese de igualdade de médias (F = 10,693; Sig. = 0,000)

Multiple Comparisons

| Dependent Variable: Estrangeirismos | | | | | | | | |
|-------------------------------------|----------|-----------------------|----------------------|--------|-------------------------|-------------|-------|-------|
| (I) Hab | (J) Hab | Mean Difference (I-J) | Std. Error | Sig. | 95% Confidence Interval | | | |
| | | | | | Lower Bound | Upper Bound | | |
| Tukey HSD | < 9º ano | 9º ano | -.128 | 1.472 | 1.000 | -3.98 | 3.73 | |
| | | 12º | -2.235 | 1.454 | .419 | -6.04 | 1.57 | |
| | | ensino universitário | -7.498* | 1.599 | .000 | -11.68 | -3.31 | |
| | 9º ano | < 9º ano | .128 | 1.472 | 1.000 | -3.73 | 3.98 | |
| | | 12º | -2.107 | 1.258 | .343 | -5.40 | 1.19 | |
| | | ensino universitário | -7.370* | 1.423 | .000 | -11.10 | -3.64 | |
| | 12º | < 9º ano | 2.235 | 1.454 | .419 | -1.57 | 6.04 | |
| | | 9º ano | 2.107 | 1.258 | .343 | -1.19 | 5.40 | |
| | | ensino universitário | -5.263* | 1.404 | .002 | -8.94 | -1.59 | |
| | Scheffe | < 9º ano | 9º ano | 7.498* | 1.599 | .000 | 3.31 | 11.68 |
| | | | 12º | 7.370* | 1.423 | .000 | 3.64 | 11.10 |
| | | | ensino universitário | 5.263* | 1.404 | .002 | 1.59 | 8.94 |
| 9º ano | | < 9º ano | -.128 | 1.472 | 1.000 | -4.32 | 4.07 | |
| | | 12º | -2.235 | 1.454 | .504 | -6.38 | 1.91 | |
| | | ensino universitário | -7.498* | 1.599 | .000 | -12.05 | -2.94 | |
| 12º | | < 9º ano | .128 | 1.472 | 1.000 | -4.07 | 4.32 | |
| | | 9º ano | -2.107 | 1.258 | .427 | -5.69 | 1.48 | |
| | | ensino universitário | -7.370* | 1.423 | .000 | -11.43 | -3.32 | |
| ensino universitário | | < 9º ano | 2.235 | 1.454 | .504 | -1.91 | 6.38 | |
| | | 9º ano | 2.107 | 1.258 | .427 | -1.48 | 5.69 | |
| | | ensino universitário | -5.263* | 1.404 | .004 | -9.26 | -1.26 | |

*. The mean difference is significant at the .05 level.

Porém a análise *post-hoc* apenas sustenta a existência de diferenças entre os grupos < 9º ano, 9º ano e 12º ano e o ensino universitário.

Nestas circunstâncias rearranjaram-se os elementos da amostra criando apenas dois grupos: um com os indivíduos com ensino universitário e outro com todos os restantes, e realizou-se um Teste T para diferença de médias entre eles.

Group Statistics

| | | N | Mean | Std. Deviation | Std. Error Mean |
|-----------------|------|----|------|----------------|-----------------|
| Estrangeirismos | >= 3 | 19 | 9.26 | 8.793 | 2.017 |
| | < 3 | 75 | 2.71 | 3.195 | .369 |

Aspetos sociolinguísticos dos estrangeirismos

| | | Independent Samples Test | | | | | | | | |
|-----------------|-----------------------------|---|------|------------------------------|--------|-----------------|-----------------|-----------------------|---|--------|
| | | Levene's Test for Equality of Variances | | t-Test for Equality of Means | | | | | 95% Confidence Interval of the Difference | |
| | | F | Sig. | t | df | Sig. (2-tailed) | Mean Difference | Std. Error Difference | Lower | Upper |
| Estrangeirismos | Equal variances assumed | 37.030 | .000 | 5.284 | 92 | .000 | 6.596 | 1.241 | 4.092 | 9.021 |
| | Equal variances not assumed | | | 3.197 | 19.219 | .005 | 6.556 | 2.051 | 2.268 | 10.845 |

4.2 Variáveis uso de estrangeirismos vs. sexo e setor de atividade

No que concerne ao uso de estrangeirismos, tendo em conta o fator sexo, em termos agregados, isto é, nos três sectores de atividade, verifica-se, em média, maior ocorrência nos indivíduos do sexo masculino – 14.91 – do que nos falantes do sexo feminino – 1.63.

Partindo da evidência estatística para rejeitar a hipótese de igualdade entre os dois grupos (Sig. = 0.178), realizou-se um teste ANOVA com as variáveis sexo e setor de atividade que a seguir se apresenta:

Descriptive Statistics

Dependent Variable: Estrangeirismos

| Sexo | Sector | Mean | Std. Deviation | N |
|-----------|-------------|------|----------------|----|
| Masculino | Automóvel | 4.19 | 4.558 | 27 |
| | Hotelaria | 6.47 | 7.190 | 15 |
| | Restauração | 3.70 | 5.478 | 20 |
| | Total | 4.58 | 5.591 | 62 |
| Feminino | Automóvel | 1.00 | 2.000 | 9 |
| | Hotelaria | 4.56 | 6.364 | 18 |
| | Restauração | .80 | 1.789 | 5 |
| | Total | 2.97 | 5.196 | 32 |
| Total | Automóvel | 3.39 | 4.278 | 36 |
| | Hotelaria | 5.42 | 6.713 | 33 |
| | Restauração | 3.12 | 5.069 | 25 |
| | Total | 4.03 | 5.486 | 94 |

Aspetos sociolinguísticos dos estrangeirismos

Tests of Between-Subjects Effects

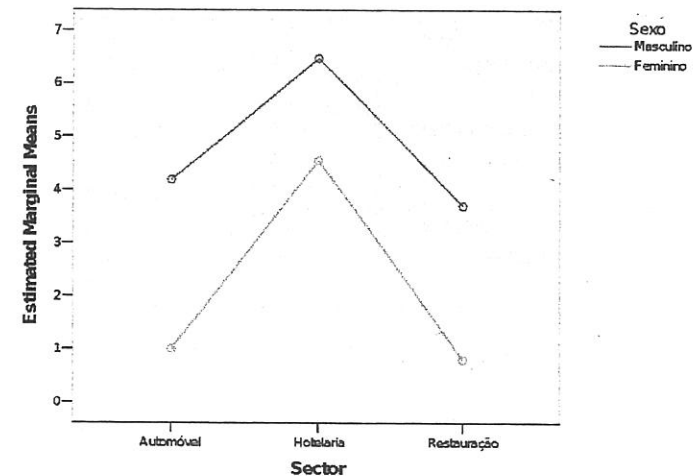
Dependent Variable: Estrangeirismos

| Source | Type III Sum of Squares | df | Mean Square | F | Sig. |
|-----------------|-------------------------|----|-------------|--------|------|
| Corrected Model | 231.652 ^a | 5 | 46.330 | 1.588 | .172 |
| Intercept | 824.022 | 1 | 824.022 | 28.246 | .000 |
| Sexo | 122.875 | 1 | 122.875 | 4.212 | .043 |
| Sector | 173.598 | 2 | 86.799 | 2.975 | .056 |
| Sexo * Sector | 6.542 | 2 | 3.271 | .112 | .894 |
| Error | 2567.252 | 88 | 29.173 | | |
| Total | 4327.000 | 94 | | | |
| Corrected Total | 2798.904 | 93 | | | |

a. R Squared = .083 (Adjusted R Squared = .031)

Como se pode observar não existe evidência estatística para rejeitar a hipótese de igualdade entre os diferentes grupos, crendo que no gráfico seguinte – Gráfico 1 – se pode fazer uma leitura mais facilitada.

Estimated Marginal Means of Estrangeirismos



A linha de cor azul traduz o maior uso de estrangeirismos no discurso da fala – correspondente aos informantes do sexo masculino –, observando-se mais incidência no setor da hotelaria. Note-se ainda que esta mesma “incidência” também ocorre com os informantes do sexo feminino.

4.3 Variáveis uso de estrangeirismos vs. habilitações académicas, sexo

Face aos resultados apresentados recodificou-se a variável *Habilitações Académicas* para dois grupos – sexo feminino e sexo masculino.

Atente-se nos quadros seguintes:

Descriptive Statistics

Dependent Variable: Estrangeirismos

| Sexo | Hab_2 | Mean | Std. Deviation | N |
|-----------|------------------------|-------|----------------|----|
| Masculino | < ensino universitário | 3.10 | 2.995 | 51 |
| | ensino universitário | 11.45 | 9.092 | 11 |
| | Total | 4.58 | 5.591 | 62 |
| Feminino | < ensino universitário | 1.88 | 3.505 | 24 |
| | ensino universitário | 6.25 | 7.924 | 8 |
| | Total | 2.97 | 5.196 | 32 |
| Total | < ensino universitário | 2.71 | 3.195 | 75 |
| | ensino universitário | 9.26 | 8.793 | 19 |
| | Total | 4.03 | 5.486 | 94 |

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: Estrangeirismos

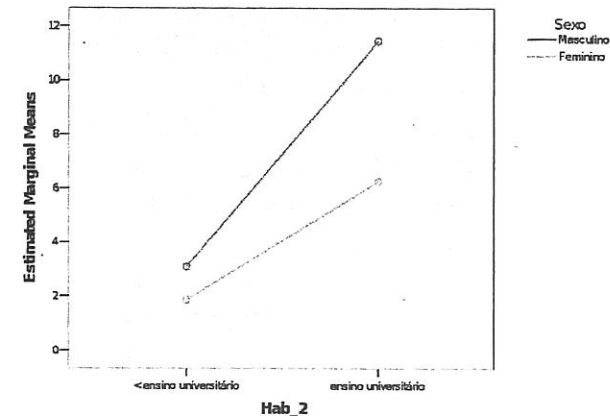
| Source | Type III Sum of Squares | df | Mean Square | F | Sig. |
|-----------------|-------------------------|----|-------------|--------|------|
| Corrected Model | 801.542 ^a | 3 | 267.181 | 12.039 | .000 |
| Intercept | 1855.351 | 1 | 1855.351 | 83.601 | .000 |
| Sexo | 149.049 | 1 | 149.049 | 6.716 | .011 |
| Hab_2 | 584.779 | 1 | 584.779 | 26.350 | .000 |
| Sexo * Hab_2 | 57.191 | 1 | 57.191 | 2.577 | .112 |
| Error | 1997.362 | 90 | 22.193 | | |
| Total | 4327.000 | 94 | | | |
| Corrected Total | 2798.904 | 93 | | | |

a. R Squared = .286 (Adjusted R Squared = .263)

Ao cruzarem-se os dados obtidos no grupo que usa mais estrangeirismos, em termos de *Habilitações Académicas*, com a variável sexo, verifica-se que os elementos do sexo masculino atualizam maior número de palavras estrangeiras do que os elementos do sexo feminino. A variável *Habilitações Académicas* torna-se, assim, num fator de relevo.

À semelhança do ponto anterior, optou-se também por facultar uma leitura mais facilitada através do Gráfico 2.

Estimated Marginal Means of Estrangeirismos



Como se pode observar, a linha azul – sexo masculino –

dista da linha verde – sexo feminino – com representatividade. Serão as mulheres mais conservadoras, ou simplesmente não sentirão necessidade de um “destaque” lexical tão acentuado como os homens?

5. Considerações Finais

Iniciei este texto refletindo sobre aspetos que influenciam o dia-a-dia de todos os falantes portugueses: a livre circulação de cidadãos europeus pelos diferentes países da Europa e a consequente construção de níveis de proficiência linguística e respetivos indicadores, pela União Europeia; a criação de um documento escolar, orientador acerca de a tomada de medidas de acolhimento e consideradas essenciais por parte da Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular do Ministério da Educação; o desenvolvimento económico do país e a respetiva permissão de entrada de palavras, sobretudo, de origem inglesa; a alimentação que contribui para o florescimento e crescimento de palavras de origem, maioritariamente, francesa; finalmente e de extrema importância, a posição de fragilidade da comunidade docente, sugerindo alternativas lexicais, porque acredita que o uso de estrangeirismos é potenciador de insucesso escolar, perante este fenómeno linguístico e incontrolável, são aspetos conducentes a uma ponderação e investigação à qual a comunidade científica não deve ficar alheia.

Movida por esta conjuntura social e tendo em conta variáveis extralinguísticas – habilitações académicas, setor de atividade profissional e sexo – e linguísticas – estrangeirismos – aprofundei esta temática tendo obtido os seguintes resultados: os informantes com mais habilitações académicas usam mais palavras estrangeiras do que os que têm a escolaridade mínima obrigatória; os informantes que integram o setor de atividade

hoteleiro são aqueles com maior índice de atualização de estrangeirismos e que os informantes do sexo feminino usam menos estrangeirismos do que os falantes do sexo masculino, sendo as habilitações académicas as mesmas.

Parece-me, assim, que se está perante um constante enriquecimento lexical e considero desnecessárias querelas entre linguistas mais conservadores e linguistas mais recetivos a novas entradas lexicais na língua portuguesa. A entrada de estrangeirismos no português tem-se verificado ao longo dos séculos, embora não seja possível precisar com exatidão quais são esses termos linguísticos, a partir de quando é que entraram, como entraram e qual a sua origem. O uso de estrangeirismos pelos falantes de línguas que funcionam, que são dinâmicas, é o fator determinante para este registo; o léxico vai-se “adaptando” às necessidades, às modas, às influências de outras línguas, enfim, à evolução dos tempos.

Referências

- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo*. Criação lexical. São Paulo: Ática, 1990.
- BARROS, João. *Textos pedagógicos e gramaticais*. Lisboa: Editorial Verbo, 1969.
- CARVALHO, Nelly. *Empréstimos linguísticos*. São Paulo: Ática, 1989.
- CASTELEIRO, Malaca. *Dicionário de Língua Portuguesa contemporânea*. Lisboa: Verbo/Academia das Ciências de Lisboa, 2001.
- CONSELHO DA EUROPA. Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas. Aprendizagem, ensino, avaliação (QECR). Porto: Edições ASA, 2001. Disponível em: http://www.asa.pt/downloads/Quadro_Europeu_001_072.pdf. Acesso em: 11 nov. 2012.
- DEROY, Louis. *L'emprunt linguistique*. Paris: Les Belles Lettres,

1980. [re-edição de 1956].

FERNÁNDEZ-SEVILLA, Julio. *Problemas de lexicografía actual*. Bogotá: Hierbabuena. Publicaciones del Instituto Caro y Cuervo, 1974.

GÓMEZ-CAPUZ, Juan. *El préstamo lingüístico*. Conceptos, problemas y métodos. València: Universitat de València, 1998.

GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Português Língua não materna no currículo nacional*. Lisboa: Ministério da Educação DGIDC, 2005.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Gramática española*. Madrid: Espasa-Calpe, 1931.

REY-DEBOVE, Josette. Introduction au *Dictionnaire des anglicismes*. 3^e éd. Paris: Robert, 1990. p. v-xvi. [1980]

SECO, Manuel. El léxico de hoy. In: LAPESA, Rafael (coord.). *Comunicación y lenguaje*. Madrid: Karpos, 1997. p. 183-201

TEIXEIRA, Madalena. O uso de galicismos em *Os Maias* Eça de Queirós – uma perspetiva sociolinguística. In: III SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA – simpósio 7, 2011, Macau. *Anais...* Macau: Universidade de Macau, 2012. p. 71-87.

TEIXEIRA, Madalena. Para a identificação de uma matriz linguística no uso de estrangeirismos na Língua Portuguesa. In: PERDO, E. et al (orgs.). *Linguagem, cultura e sociedade – abordagens linguísticas*. Lisboa: Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa/Colibri/FCT, 2009. p. 53-75.

TEIXEIRA, Madalena. *A entrada de estrangeirismos no Português*. v. II. Chamusca: Edições Cosmos, 2008.

TEIXEIRA, Madalena. *A entrada de estrangeirismos na Língua Portuguesa*. Contributo para um estudo sociolinguístico. 2007. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2007.

TEIXEIRA, Madalena. *Da entrada de estrangeirismos à aula de língua materna*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação, Supervisão Pedagógica em Ensino do Português) - Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Braga, 2004.

L'impact de la métaphore dans le processus de créativité

Isabelle Oliveira

Université de la Sorbonne Nouvelle, isabelle.de-oliveira@univ-paris3.fr

Résumé

Très souvent les idées se bousculent, mais on manque d'un bagage linguistique pour exprimer le monde qui nous entoure. La démarche métaphorique, exemple bien connu de succès néologique, permet ainsi de sortir des sentiers battus de la pensée et de la réflexion qui est signe de stagnation et d'inertie intellectuelle. Ainsi, le recours à la métaphore est l'un des processus essentiels de la créativité et de l'évolution des langues. Cette communication se propose d'apporter un éclairage sur un point délimité. Nous nous intéresserons à suivre la métaphore au plus près de sa création dans le domaine de la cardiologie, lorsqu'on peut considérer qu'elle a été conçue pour répondre à un besoin langagier précis. Saisir ainsi l'importance de la métaphore dans la création d'outils de dénomination de plein droit. Mais, la néologie sémantique est-elle un véritable acte de création? Très brièvement, nous pouvons arguer qu'en science, la créativité metasémique obéit à ses propres règles. Cela dit, on a l'impression dans une phase de découverte, que la dénomination du concept est mieux réfléchi, plus significative et en quelque sorte peut être un peu plus créative. Ici, détourner un terme de son sens est un acte délibéré.